

**Janela de Diálogo 01 -
Centenário de Paulo Freire:
diálogos entre universidade e
escola**

*Aliny Dayany Pereira de Medeiros
Hostina Maria Ferreira do
Nascimento
Ramiro Teixeira
Sandra Macêdo Barbalho*

01

O texto aqui apresentado é resultado de um intenso diálogo promovido durante o III Ciclo de Diálogos Universidade e Escola e tem o desafio de apresentar um balanço das discussões fomentadas durante a primeira janela do evento, que tinha o mesmo título desta produção.

As falas apresentadas são resultado daquelas proferidas na janela e foram adaptadas para melhor comunicar por escrito. Desse modo, algumas passaram por um movimento de textualização e outras foram completamente reestruturadas pelas/os suas/seus autoras/es.

O tema da janela, e igualmente destas produções, tem como fio condutor a reflexão acerca da vida e obra de Paulo Freire, e sua interferência direta em nosso cotidiano nas escolas e universidades. Sendo assim, as falas produzidas foram mais do que homenagens ao centenário de Paulo Freire, elas evocaram o sentido de ler, pesquisar e educar seguindo os pressupostos freireanos. Além disso, as apresentações mobilizam a relação direta entre conceitos e vivências, ideias e ações, demonstrando o significado de ler Paulo Freire para intervir no mundo.

Inicialmente, a professora Hostina Nascimento nos convida a pensar a trajetória de Paulo Freire, articulando a vida e obra do professor-pesquisador e destacando os caminhos trilhados pelo Grupo de Estudos e Pesquisa LerFreire. Em seguida, o professor Ramiro Teixeira apresenta como surgiu e vem se constituindo a Escola Estadual Marta Pernambuco, com seus desafios e conquistas, a partir das premissas de uma pedagogia libertadora, com nítida referência às produções de Freire. E, por fim, a professora Sandra

Barbalho encerra as discussões refletindo sobre a presença dos pressupostos freireanos em seu trabalho com projetos na Educação de Jovens e Adultos, na rede municipal de educação de Parnamirim.

Esta produção escrita compila três falas atravessadas por uma concepção comum de educação. A visão apresentada pelas/os professoras/es enxerga o conhecimento para além do acúmulo e aferição de conteúdos e ver as/os estudantes enquanto pessoas que existem, vivem, são seres pensantes e pulsantes, e, por isso mesmo, comunicam, criam e transformam. As três comunicações podem ser entendidas como um tributo à esperança e à continuidade de um fazer docente comprometido com a liberdade.

Aliny Pranto (DPEC/CE/UFRN)

POR HOSTINA MARIA FERREIRA DO NASCIMENTO

Toda a minha formação como professora aconteceu no curso de pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na pós-graduação em educação. E eu trago dessa experiência muito carinho e uma gratidão muito grande por todas as pessoas que contribuíram para minha formação e que permitiram que eu pudesse contribuir para formação de outras pessoas. Então, eu agradeço profundamente e principalmente pela temática que nós temos hoje.

Achei muito interessante que os professores deste grupo, do grupo de práticas, estejam pensando na contribuição de Paulo Freire, a formação de professores e a prática pedagógica. E que essa compreensão se amplia no dia a dia, nas práticas, nos fazeres,

tanto relacionado da formação do pedagogo para os anos iniciais, quanto na contribuição da pedagogia para as licenciaturas. Então, é um campo em que eu me sinto muito à vontade porque é o campo aqui também do qual nós atuamos aqui na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN).

Gostaria de dizer que o lugar de onde eu falo, a minha experiência de pesquisadora junto ao LerFreire. O LerFreire é um grupo de pesquisa e extensão que existe há mais de dez anos. Através dele, desenvolvemos esses estudos dos quais Aliny estava falando. Da obra de Paulo Freire. Estes estudos começaram na minha formação na UFRN, principalmente através da professora Marta Pernambuco, que foi a minha grande tutora, além de orientadora e professora e grande amiga. E, através desta professora e do grupo ao qual ela está envolvida, que é o GEPEM, eu pude ampliar minha a minha formação em Paulo Freire e pude contribuir para a criação deste grupo que é o LerFreire aqui da UERN.

Eu preparei uma apresentação só a título de ilustração, só para gente dar uma passeada na temática, para ter um contato Inicial com essa temática, porque a mesa está muito rica, em termos de prática. Relação entre prática e teoria em termos de práxis. Eu fiquei muito feliz em participar dessa mesa com essas duas pessoas, com Ramiro lá da escola Marta Pernambuco e com a professora da Escola da EJA, Escola Augusto Severo em Parnamirim, porque eu acho que é uma oportunidade de nós problematizarmos essa relação entre o pensamento de Freire voltado à educação popular e o pensamento de Freire voltado à escola.

Vou trazer algumas problematizações que eu acredito que são profícuas para esse momento que nós estamos vivendo e elas vêm no sentido de a gente abrir um debate, sobretudo com quem acompanha a sessão. É essa reverberação que realmente vai promover o círculo de Cultura neste momento, como a professora Rita estava falando, o círculo de Cultura numa perspectiva inovadora. Porque Paulo Freire sempre quis que cada um que aprendesse com ele, aprendesse também a criar e a inovar, então, que hoje seja, dentro da medida do possível e dentro dos recursos que nos estão disponíveis, então, um círculo de cultura.

Eu trouxe um título para essa apresentação que é resultado de um texto que estamos produzindo, eu e o outros professores do grupo LerFreire, sobre o momento, sobre esses cem anos, esse ano tão marcante, que é da comemoração do centenário de Paulo Freire e dos desafios que esse ano e que esse tempo nos provocam. Então, eu chamei de “Educação libertadora em tempos de denúncia e anúncio”. Porque Paulo Freire diz isso: “é preciso que existam juntos a denúncia e o anúncio”. Quer dizer, é preciso que a gente denuncie as irregularidades, as incertezas e situações-limites. Porém, apenas denunciar não é suficiente, é preciso que haja um processo de conscientização sobre essas situações de limites, de maneira que possa esse próprio processo resultar no anúncio de um novo momento, no anúncio da transformação, na possibilidade emancipadora.

Então, eu trouxe alguns pequenos trechos do texto que nós estamos terminando de elaborar. Neste primeiro momento, eu trago

uma reflexão sobre estes cem anos como um momento profícuo para recriar a ebulição política dos que não se conformam apenas em lançar holofotes ao Patrono da Educação Brasileira e colher raios de luz sobre si mesmo, porque neste ano boa parte das pessoas comprometidas com a educação transformadora estão se preocupando em trazer a discussão, as contribuições de Paulo Freire, como a mesa de abertura mesmo falou, e o professor Jefferson especialmente, as contribuições para um momento tão difícil, tão desafiador. De maneira que não seja só... e nem é possível ser apenas a comemoração de um centenário, mas essa comemoração é muito mais do que uma oportunidade que, infelizmente, muitos tomam para jogar raios de luz para si mesmo, para se autopromover.

Eu digo isso porque está vindo uma enxurrada de ações relativa aos cem anos e entre essas ações nós percebemos iniciativas de pessoas e grupos que até então não se interessavam pelo pensamento de Paulo Freire, não traziam ele para a discussão ou muitas vezes o refutavam. Não se pode dizer que é só um grupo conservador que refuta o pensamento de Paulo Freire porque também entre os grupos que estão na universidade há muitos que refutam esse pensamento. Então, eu trago essa primeira fala neste sentido. É um tempo de dificuldade, é um tempo de desafios, que nos estimula a compreender qual é a compreensão que cada um de nós, cada um dos grupos, está trazendo para efetivas transformações coletivas. E aí, essa reflexão precisa ser mais que a reflexão sobre a contribuição do outro, ela precisa ser uma reflexão sobre a nossa própria contribuição.

O LerFreire está constantemente parando

para pensar nisso, qual é a efetiva contribuição que nós trazemos para as pessoas as quais dialogamos. Assim, eu quis marcar o início da nossa fala através desse pequeno trecho e trouxe como imagem folhinhas de um calendário produzido pela Cátedra Paulo Freire da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que foi em homenagem aos cem anos de Paulo Freire. Um calendário que foi lançado este ano, e eu quis fazer uma homenagem à cátedra, porque ela é um dos nossos interlocutores, traz grande contribuição à nossa prática freiriana, de vários grupos que estão aqui no RN, na UFRN, na UERN, na UFersa e no IFRN também. Eu trouxe essa homenagem porque cada folhinha contém um livro de Paulo Freire. E nesse primeiro par estão os livros “Educação como prática da liberdade” e “Pedagogia do oprimido”, que surgiram no início do trabalho de Paulo Freire. Por isso eu destaquei aquele período das décadas de 1950 e 1960 em que havia uma ebulição, uma efervescência, uma emergência de movimentos populares, que estavam comprometidos com as necessárias transformações de uma sociedade cuja democracia era muito incipiente e muito frágil.

Então, a gente já se questiona se há alguma aproximação, alguma similitude, entre aquele momento e o momento de hoje. Se o momento de hoje não está exigindo de nós que tomemos e recriemos essa ebulição, em termos das necessidades do povo brasileiro. E de fortalecimento de uma democracia que também agora está sendo ameaçada. Então, eu destaquei alguns desses grupos como: o Movimento de Educação de Base - MEB, a CNBB, os CPCs, o MCP, lá no Recife, a campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, em Natal e as

40 horas em Angicos. Foram movimentos que se desprenderam coletivamente na busca de possibilidades transformadoras que se dessem através da educação, da arte, da cultura. Estou fazendo esse resgate do início do trabalho de Paulo Freire como participante de alguns destes grupos coletivos. Também para fortalecer a ideia de que Paulo Freire não é um ente que veio do nada, um iluminado como muitos querem fazer parecer. Era um professor, um bacharel em direito por formação, que se viu, que se percebeu e se compreendeu muito mais como professor. E, como professor, foi ao povo e através do povo foi compreender as teorias, os conjuntos de teorias, que poderiam contribuir para uma formação efetiva do povo. Sendo o povo, esses homens, essas mulheres, essas pessoas que precisavam e que poderiam estar... ser sujeitos da sua própria formação e da transformação da sua própria vida. Vejam como isso tem semelhança com os dias de hoje.

No segundo conjunto de obras, eu trago aqui as que tanto revelam as experiências de Freire ainda no Brasil, naquela época que eu falava, como o processo, a passagem para o seu trabalho, a sua atuação em nível mundial. Nós sabemos que o golpe fez com que Paulo Freire fosse exilado, desse modo ele passou por vários países e enquanto ele vivenciava experiências de educação popular ele também sistematizava o seu pensamento através de diversas obras. Tem algumas destacadas como: “Ação cultural para a liberdade”, em que ele revela as suas experiências de educação popular desde as iniciais ainda em Recife, em Angicos, estendendo para o Brasil todo. Experiências que foram interrompidas pelo golpe de 1964 e também as experiências que

ele foi desenvolvendo nos países por onde passou. “Cartas em Guiné-Bissau”, em que ele faz um retrato do que eram as experiências do Círculo de Cultura, construídas na Guiné-Bissau. E o conceito de extensão que ele é elaborado através da pergunta, “extensão ou comunicação?”. Ele faz essa pergunta sobre a extensão ou comunicação querendo dizer assim: extensão bancária, aquela que só estende de um que tem, para outro que não tem. Ou extensão comunicativa, aquela que supõe que para que eu doe esse conhecimento, seja o tipo de partilha que for, em primeiro lugar eu preciso conhecer aquele a quem eu estou ofertando, e receber, aceitar aquilo que aquele me oferece e aquela me oferece.

Essas três obras mostram este percurso de Paulo Freire após o golpe de 1964, quando ele foi criando, na sua experiência mundial e que ficou registrada em todos os lugares por onde passou, de maneira que hoje ele é conhecido mundialmente. Às vezes, em algumas situações, até muito mais conhecido e valorizado nos outros países do que no Brasil. Forjada inicialmente em experiências pedagógicas adequadas à alfabetização de adultos, crítica e reflexiva, a proposição freireana não se limitou à mobilização e à agilização desta prática alfabetizadora, mas se comprometeu, desde o início, com uma educação libertadora em seu sentido mais amplo. Compromisso, este, que se consolidou na história da educação brasileira.

Eu trago outra problematização que é: o limitado conhecimento, que muitos têm no Brasil, de Paulo como criador de um método de alfabetização de adultos. Infelizmente, ainda escuto muito isso nas academias. Ainda se fortalece essa ideia do senso comum, este

senso comum pedagógico, de que Paulo Freire foi o criador de um método de alfabetização de adultos, o que reduz extremamente a contribuição de Paulo Freire na sua ideia de educação libertadora, que desde o início, mesmo tendo iniciado numa experiência de educação de adultos e trazendo uma grande contribuição necessária para ela, nunca se limitou só a isso. Então, existe a contribuição de Paulo Freire em praticamente todas as áreas de conhecimento. Nós podemos discutir sobre isso também.

A gente começa a pensar sobre a contribuição de Paulo Freire do seu pensamento sobre a educação popular que aqui se deu no início da sua atuação. A contribuição disso para escola, pelas experiências e ideias que ele começou a organizar em termos de pensar a educação escolar e as contribuições que ele foi trazendo. Então, para ilustrar e homenagear, trago essas três obras que para mim são representativas desse aspecto do trabalho de Freire. “A importância do ato de ler”, onde se amplia a compreensão do conceito de leitura, importantíssimo para se pensar, a leitura e a escrita na escola, ampliando essa compreensão, mostrando que a leitura de mundo precede a leitura da palavra e se alonga na leitura da palavra. Ou seja, não são antagônicas a leitura de mundo e a leitura da palavra. A leitura do mundo antecede e se estende à leitura da palavra, então uma grande contribuição de Paulo Freire é a ideia de leitura, escrita e de letramento, conforme existem muitas discussões e Estudos de textos e livros sobre isso.

Quis trazer também o “Professora Sim, tia não” em que Paulo Freire já faz nesta obra essa discussão política sobre o papel do professor no tempo em que era comum

o não reconhecimento da profissionalização do professor, especialmente do pedagogo e da pedagoga. Então, esse livro traz toda uma contribuição à educação escolar no sentido de fortalecimento da profissionalização e do reconhecimento político do professor e da professora. E, o nosso querido, “Pedagogia da Autonomia”, que está nessa ilustração do calendário da cátedra bem parecido com o meu, é aquele livro que a gente lê tanto que ele fica amarelado, todo marcado e acaba todo desbotado porque a gente tem orgulho, tem carinho, tem um reconhecimento muito grande da síntese que Paulo Freire conseguiu fazer de toda sua obra até então, numa obra pensada para os professores na perspectiva da construção de uma autonomia docente.

É a contribuição que foi se construindo da ideia de educação libertadora, forjada na educação popular e que foi se desdobrando e reverberando na educação escolar, e passa por diversas obras. Eu escolhi essas três para serem representativas.

Eu fortaleço mais o pensamento sobre a contribuição à educação escolar, mas que escola? Que educação escolar? Eu trago essa reflexão sobre a contribuição de Freire à educação escolar. Que escola é essa, que pode ser uma escola considerada como a escola do povo? Apenas feita para o povo ou uma escola pensada pelo povo? E, portanto, uma escola democrática e progressista, que contempla um projeto político pedagógico verdadeiramente originário da realidade local e suas necessidades. E, para ilustrar, eu trago um livro que fala da experiência de Freire em São Paulo como secretário de educação na gestão de Luiza Erundina, a educação na cidade. E trago

um livro que resulta daquela experiência que é “Ousadia do Diálogo”, um livro elaborado pelos professores que participaram da experiência. Professores de universidades, professores de escola, que foram todos chamados para construção, reconstrução da escola naquele lugar, em São Paulo, e a construção de uma dimensão democrática e progressista na educação.

Eu trago esses dois para ilustrar e parto, então, para as nossas experiências atuais, para problematizar justamente isso, o embate de forças entre a concepção popular de escola, partindo da realidade da comunidade em que se insere, e a necessidade de diretrizes institucionais, geralmente impostas verticalmente. Amplia a reflexão sobre o necessário equilíbrio entre a preservação da essência do pensamento freireano e a criatividade autoral exigida para sua continuidade.

Então, quando elaborei esta última parte, eu estava pensando nos interlocutores de hoje, no pessoal da escola, especialmente no da Escola Marta Pernambuco. Por isso, eu trouxe o livro que foi feito em homenagem à Marta: “Práticas coletivas na escola”. E trouxe também o livro produzido pelo LerFreire, um dos livros produzidos para abrir o interesse de quem deseja conhecer alguma coisa das experiências de pesquisa e extensão do LerFreire. É um livro físico e está disponível também em e-book, organizado por professores do LerFreire, que se chama: “Ensino-pesquisa-extensão: perspectivas freireanas”. E acrescento a esta, essas possibilidades criadoras, inovadoras, que surgem agora, que resultam de toda contribuição de Paulo Freire e dela se afunilando para chegar especificamente a cada região, a cada lugar,

cada Universidade, a cada escola.

Trago também a criação da cátedra Paulo Freire no Rio Grande do Norte, que está em curso e que vai poder sistematizar o pensamento e todas as ações que desejarem, freireanas, no Rio Grande do Norte. Então trago aqui, inicialmente, essas reflexões, essas problematizações, no desejo, na esperança, de que elas possam estimular uma conversa bem prazerosa e produtiva.

POR RAMIRO TEIXEIRA

Quando vi que Hostina iria participar, orientanda de Marta Pernambuco, na época que eu era bolsista do GEPEM no Centro de Educação, então passei a reviver meu processo de formação. Eu sou licenciado em Ciências Sociais pelo Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN (CCHLA), mas a minha formação extra sala foi no Centro de Educação, ainda quando não havia o novo prédio do Centro construído. Fui buscar esse livro, ao qual sempre me refiro quando eu tenho a oportunidade de falar em formação de professores, do artigo escrito por Hostina sobre a importância da educação popular como meio entre universidade e escola pública, a escola de educação básica.

Eu quero lembrar a importância que este livro teve na minha formação de professor e agora como ele está sendo, de fato, pertinente na minha estrada como gestor de escola pública. É um momento muito bom de lembrar esse meu processo de formação acadêmica de professor. Seguindo, eu trouxe nos slides de apresentação a experiência que nós temos na Escola Marta Pernambuco. A Escola Marta Pernambuco é uma escola estadual, está no seu terceiro ano de funcionamento — foi criada oficialmente

no dia 31 de dezembro de 2018 e começou a funcionar em 2019. Estamos no terceiro ano de funcionamento, dos quais dois são de pandemia, com um desafio para todos, sobretudo para uma escola ainda em construção e já se localizar em um contexto de pandemia, com aulas não presenciais, é bastante complicado, tal qual em outros espaços.

A ideia apresentada aqui, nós estamos experimentando a partir da discussão freireana. A escola do estado foi criada para atender a demanda da população do campo. É construída em um assentamento rural em Ceará-Mirim, cidade distante cerca de 20 km da saída de Natal. E do centro de Ceará-Mirim para escola tem mais 20 km. Então, da saída de Natal, para chegar na escola são cerca de 45 km. Temos professores, lá na escola, que moram em Natal, em Parnamirim, e que se deslocam cerca de 100 km para ministrar aula. Temos desafios enormes.

Qual é a estratégia utilizada para transformar educação bancária em educação libertária? A partir disso, eu vou tentar mostrar o que a gente vem fazendo na escola, quais traços estamos trilhando. Antes de chegar na escola — eu tenho a oportunidade de dizer “eu aprendi isso com Marta Pernambuco” —, como é que eu vou intervir em uma realidade sem conhecer essa realidade? Então, para que eu chegue lá na escola com esse debate, em que contexto a escola está? Contexto de assentamento rural, contexto de uma localização distante de Natal, cuja produção econômica ainda é bastante voltada para a agricultura. É um contexto de luta pela terra em Ceará-Mirim, com um histórico de grandes fazendas de produção de cana-de-açúcar e de monocultura.

Esse processo de monocultura e de grandes extensões de terra chamou a atenção dos movimentos sociais e produziu um cenário local de questão agrária, cujas características básicas são: a concentração de terras, a industrialização do campo, os despossuídos da terra e os movimentos sociais. A escola está inserida em um município cujas características socioeconômicas estão envolvidas na questão agrária. É impossível pensar em Ceará-Mirim sem pensar na questão agrária. O município tem vários assentamentos rurais e isso é um dado extremamente importante para quem vai atuar em Ceará-Mirim, sobretudo na educação. Esse contexto de questão agrária traz o desafio da reforma agrária, a formação de assentamentos.

A proposta de reforma agrária traz, sobretudo, a mudança na estrutura social do campo, de que forma o meio rural está estruturado. A reforma agrária confronta essa perspectiva: como uma grande fazenda de produção de cana-de-açúcar agora tem modificada a sua estrutura organizacional? Quais impactos são causados na população e/ou para a população? Para o campo, nós elencamos alguns desafios, desde compreender as dinâmicas do mundo camponês (se eu vou trabalhar na escola do campo é preciso entender que mundo camponês é esse), até a construção de estratégias coletivas, como estamos buscando na escola parcerias, frente ao desafio de organizar espaço de produção de conhecimento. Como é que o estudante, que está matriculado ali frequentou presencialmente as aulas em 2019 e agora está remoto, vai lidar com esses desafios de se compreender enquanto sujeito do campo? Como essa escola se estrutura, não mais fisicamente apenas, mas também pedagogicamente, na pandemia?

Estabelecemos a escola como centralidade rodeada por um universo de ideias desde a viabilidade da vida do campo, como é que o vizinho da escola, por exemplo, ganha a sua vida trabalhando lá no assentamento, passando pela questão geracional.

Se a preocupação nossa é de compreender como o campo é viável para o pai do estudante, como esse campo será viável para o estudante, como este estudante dará continuidade ao trabalho da agricultura, existem outras possibilidades de trabalho para ele? Nossas parcerias estão articuladas com professores do Centro de Educação, seguindo a confluência entre esses dois espaços: o federal e a educação básica. Temos parcerias com professores do Centro de Educação, do Centro de Ciências Humanas, parcerias com professores do Instituto Federal e com outros professores da própria rede estadual. É uma estratégia da qual não abrimos mão, pois nos permite múltiplos olhares sobre a mesma realidade.

Procuramos desenvolver nossas ações em três momentos pedagógicos: o primeiro momento é o Estudo da realidade, o que a literatura da Educação do campo chama de inventário da realidade, ou seja, é a produção de dados socioeconômicos do contexto onde trabalhamos. Como fazemos isso lá na escola? Os professores produziram um questionário sociodemográfico, os estudantes responderam e, em seguida, realizamos o tratamento dos dados. Percorremos o questionário respondido para entender minimamente a realidade desses estudantes. Esse estudo da realidade nos possibilitou enxergar as principais problemáticas levantadas pelos estudantes.

Então, de posse desse estudo da realidade, seguimos para o segundo momento, organizado entre o trabalho docente, a equipe pedagógica e gestão: a organização do conhecimento. Por exemplo, uma das principais problemáticas locais identificadas foi a questão do lixo, a falta de destino adequado para o lixo. Quando os professores recebem essa demanda, é necessário listar os conteúdos escolares possíveis de serem mobilizados para pensar sobre a problemática do lixo. Como as áreas do conhecimento trabalham os conteúdos escolares a partir dessas realidades, podemos estruturar de que maneiras a equipe de Ciências Humanas, por exemplo, pode abordar as temáticas enxergadas a partir desse questionário, desse inventário da realidade. Então, uma estratégia importante que adotamos foi o trabalho por área do conhecimento, e essa construção não é fácil porque não estamos acostumados. Quando recebemos professores novos na escola, nossa equipe pedagógica apresenta a metodologia de trabalho da nossa escola a partir da legislação, de produções acadêmicas e da literatura da Educação do campo.

A partir desse segundo passo, nos direcionamos para o terceiro: a aplicação de conhecimento, que é de fato a prática de ensinar, e nos deparamos com o desafio da produção de material didático. Ora, se nós temos um déficit importante na educação brasileira, imagina na educação brasileira na zona rural. O livro didático, às vezes, não é compreendido pelos estudantes, por isso, os professores produzem material extra para dialogar com a realidade camponesa. Neste terceiro momento pedagógico, a elaboração de projetos foi um dos caminhos encontrados para viabilizar, muito parecido com o que Hostina nos

provocou com a indagação “quais ações estão conseguindo sair do discurso e se efetivar entre as formações coletivas?” Neste sentido, vou compilar algumas ações realizadas pela gestão, coordenação e professores, nos projetos de parcerias pedagógicas.

A imagem apresentada sobre a visita da Secretaria de Educação na escola, chamamos de topografia do local da escola. O pessoal foi até o assentamento para medir o terreno a ser usado para a construção da escola. A segunda imagem é uma assembleia entre escola e comunidade (e a empresa construtora) para explicarmos o significado desta escola para o assentamento e sobretudo que nome teria a Escola. Então, nós fizemos uma reunião, registramos em ata e levamos para Secretaria Estadual para apresentar o nome escolhido pela comunidade para registrar a escola. A comunidade já conhecia a professora Marta Pernambuco, pois ela já havia realizado alguns trabalhos no local. Então, a prática pedagógica já começou na escolha do nome da escola. As próximas imagens retratam experiências vivenciadas na escola: uma aula de campo em que os professores levaram os estudantes para Natal, para conhecer o Bosque dos Namorados e o Museu Câmara Cascudo; a produção dos estudantes sobre as vivências da escola, com o autorreconhecimento naquilo que produziram ao longo do ano de 2019 na escola nas atividades pedagógicas.

Então, eles se reconheceram fazendo a própria história, não simplesmente como estudante recebendo conhecimento, mas como o sujeito da própria história; a exposição de fotografias de pessoas negras com destaque nas suas áreas de atuação, desde o esporte

até aos escritores negros e escritoras negras que tiveram uma importância para levantar a questão sobre a identidade racial no Brasil. Os estudantes fizeram pesquisa e acharam alguns personagens importantes na história brasileira. E isso é fantástico! Um grupo de estudo produziu uma réplica da escola em Angicos, das 40 horas de Paulo Freire; uma homenagem para os estudantes; uma reunião com os representantes de turma para construirmos o Grêmio Escolar, estão representantes do Ensino Fundamental Anos Finais. Alguns deles inclusive participam atualmente do Conselho escolar; uma homenagem agora para a equipe docente. Os estudantes fizeram um momento para homenagear os professores. A utilização da quadra poliesportiva por escolas municipais, o Arraiá da Escola Municipal acontecia no espaço pequeníssimo e fizemos essa parceria para escola municipal fazer o seu Arraiá na quadra da escola, afinal de contas esses estudantes do município irão estudar na nossa escola estadual. Então, tentamos já fazer uma parceria também com o município de Ceará-Mirim. Uma estratégia que utilizamos foi montar uma escolinha de futebol aos sábados para tentar mobilizar um pouco a comunidade escolar. Parou também em função da pandemia. Procuramos montar estratégias tanto em parcerias pedagógicas, quanto de ordem voltada para o cunho mais social na escola, com muitos desafios, muitas incompreensões, mas também realizações.

POR SANDRA MACÊDO BARBALHO

Paulo Freire na sala de aula: uma experiência com projetos escolares

Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em 2021 completou seu centenário

de nascimento e, quem diria, continua sendo tão necessário trazer sua filosofia da educação para sala de aula.

Reconhecido no mundo todo pela sua pedagogia do oprimido/para o oprimido, no Brasil, neste ano tem sofrido ataques difamadores por parte daqueles que não compactuam do mesmo pensamento libertador do oprimido.

No entanto, em sala de aula ele torna-se mais necessário que nunca. Nosso patrono da educação brasileira não nos deixou órfãos, tem uma vasta bibliografia que nos inspira. Desde *Pedagogia da Liberdade*, passando por *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia* e entre outros, ele nos situa numa concepção de mundo que deve alicerçar o fazer pedagógico. O professor/professora deve ter como meta no seu fazer um modelo de sociedade que liberte dos grilhões aqueles aos quais conduz sob a luz da pedagogia crítico-reflexiva. Daí a leitura de que o mundo precede a leitura da palavra. É preciso pertencer! Se compreender no mundo! Interpretar este mundo! Olhar sua realidade.

Partindo deste princípio, eu como professora da EJA no município de Parnamirim/RN, na Escola Municipal Augusto Severo, lecionando na turma N1/N2 venho desenvolvendo projetos que possibilitem assegurar o lugar de fala aos estudantes, tratando-os como sujeitos de sua aprendizagem para que reconheçam sua capacidade e através das suas histórias leiam o mundo.

Nesse sentido, apresentei no III Ciclo de diálogos entre universidade e escola uma experiência desenvolvida na turma acima citada intitulada “memórias escritas por várias mãos”, na qual trabalhei a vida e obra de grandes poetas

da nossa literatura como Carlos Drummond de Andrade e Cora Coralina, trazendo suas biografias para que os alunos percebessem as adversidades no caminho desses poetas e sua trajetória na escrita como ponto de inspiração no desenvolvimento de suas próprias escritas. Ao estudarmos principalmente Cora Coralina que tem uma história bem particular de pouca escolaridade, que em idade já avançada (aos 70 anos publica seu primeiro livro de poemas tendo como inspiração sua própria vivência), eles foram soltando suas histórias, trazendo suas narrativas. Até chegarmos ao desafio de grafar no papel a palavra como solução para contar o que estivera “engasgado” por falta desta grafia. A palavra torna-se urgente, então passam a persegui-la para expressar as emoções acessadas pela memória dos momentos outrora vividos. Esse caminho percorrido tem imensa beleza, pois emocionam-se e nos emocionam sendo ao mesmo tempo alfabetizados. Nada mais significativo do que falar sobre si mesmo. Solicitei fotos dos momentos considerados mais importantes para eles para ao final publicar seus livros de histórias. Suas caligrafias foram cobertas por tinta nanquim. A cada semana dedicávamos um dia de aula para escrita e revisão. Construir o texto com coerência, coesão. Encontrar a palavra que melhor se encaixava. Perceber os sons, ver a grafia destas, tudo isso com um ingrediente mágico por trás, chamado emoção. Ao longo deste percurso houveram momentos em que um ou outro queria desistir, batia desânimo. Em outro momento, o orgulho da palavra nova que saía e assim fomos de mãos dadas redigindo o processo. Por vezes, trazíamos o texto de um deles à baila para que todos pudessem contribuir na sua redação.

Este projeto foi desenvolvido em três bimestres, sendo no primeiro realizado o estudo sobre vida e obra de Carlos Drummond de Andrade, no segundo, vida e obra de Cora Coralina e no terceiro eles, os alunos, foram os escritores.

Após esse percurso e mesmo no decorrer destes anos trabalhando com as turmas nível 1 e nível 2 de EJA afirmo e reafirmo que é possível sim desviarmos da educação bancária. Desde que tenhamos como norte a pedagogia crítico/reflexiva. Hoje mais que nunca com tantos ataques sofridos à educação brasileira, torna-se necessário “freirear” a educação, que a leitura de mundo preceda a leitura da palavra em nosso fazer pedagógico e acreditemos que é possível esperar, ou seja, é possível ser agente transformador da realidade trazendo clareza aos olhos de quem vê a realidade como algo posto, intransponível.